

As vantagens da debilidade e o pensador de ocasião, em Emil Cioran

Rossano Silva Queiroga¹

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo investigar, a partir de *Breviário de decomposição* (1949), a proposta, lançada por Cioran, que destaca “o pensador de ocasião” como fundamento que revela o interior de sua filosofia, que por sua vez, baseia-se nos paroxismos orgânicos como forma vital para o conhecimento. Nesse sentido, buscaremos uma leitura que torne possível a assimilação, além de uma História desvelada, de uma maneira de pensar que se estende à tradição metafísica, elencando um embate entre o pensamento fisiológico e o modelo sistemático, ou melhor, de um pensamento da carne e dos nervos frente um rigoroso e metodológico.

Palavras-chave: Breviário de decomposição; Pensador de ocasião; Metafísica; Pensamento fisiológico; História.

Em *Breviário de decomposição*, a História é apresentada por Cioran como um fluxo de ambiguidades, como um celeiro de contradições, em que o delírio e o tédio aparecem como constatação, como o único eixo no qual a vida se desenrola, o que precisa, naturalmente, os recortes que indicam os desígnios da inadequação, bem como a obsessão e o desejo pelo original. O delírio, por sua vez, dinamiza a existência, torna-a aprazível, reinventando-a a todo custo, pela ilusão, pelo ideal de progresso e pela fatuidade do definitivo. Em contrapartida, o tédio, sem muito adereço, é a queda do tempo, a perda da graça, elemento que garante a manutenção da vida sem as crispções de uma inquietude suprema. O tédio seria a qualidade de quem vive nos cumes, acometido de uma doença fundamental, que extrapola o valor estético e formal das coisas, da História, da civilização.

A perspectiva da História, desenvolvida por Cioran, em *Breviário de decomposição*, traça o perfil do homem como um indivíduo, além de enfermo, amante do delírio, pois em meio à vacuidade do tempo e pela reprodução e atualização sistemática do passado, o delírio oferece, ao tempo, um ar de aceleração que aponta para uma espécie de finalidade. Seria uma forma de encantar, ou mais precisamente, de converter o vazio em um, ou vários conceitos plausíveis, para, dessa maneira, lançar, sobre o espectro irregular da vida e sobre seus caminhos lutosos, luzes, também irregulares e fracas, contudo, visíveis.

¹ Graduado em filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba.

Embora sendo o brilho dessas luzes, fraco e opaco, o delírio, nesse caso, seria a intenção de aproximar-se desse conjunto que brilha, dessa finalidade; e essa intenção seria o elemento responsável por criar a ilusão de que esse brilho, lá nos confins do tempo, ou da História, de fato existe, de que não seria apenas um simples simulacro. Por outro lado, o tédio revela ao homem uma situação de contrariedade à luz, ele é responsável por mostrar-lhe a longevidade do tempo e todo o vazio que se estrutura em tentar aproximá-lo.

O tempo, sentido através da História, seria a experimentação do sofrimento e da incapacidade. Dessa maneira, quando Cioran incide sua observação sobre os discursos utópicos ou religiosos, percebe-se uma grande exaltação do presente e, ainda mais, sobre as expectativas para o futuro, mas, em nenhum momento, sobre o passado enquanto passado, e sim, de um passado cujo retorno é possível:

(...) ao privilégio concedido aos dois (presente e futuro) se ligam, de uma forma complexa, obscura e problemática, por um lado as ideias de progresso e de perfectibilidade, de um novo advento, de uma utopia (na tradição cristã, em Kant, em Hegel, no pensamento marxista); e por outro a indicação de um projeto, de uma escapatória, de uma via de fuga, de uma esperança, de uma possibilidade².

Em relação ao passado, ele seria algo que se acumula e, sobre o qual todo o presente se precipita. O presente se configura remontando-se sobre o passado, o que faz este mesmo passado perder a característica de ultrapassado, adquirindo um ar de atualidade e, assim, esta seria uma consolação buscada pelo homem por meio da transformação desses escombros amontoados que seria o próprio passado. Seria o exercício de destruição e reconstrução, a mecânica essencial, responsável pela origem e propagação da temporalidade. O homem assassina o presente, ao passo que retira dele a sua capacidade de se instaurar, ou simplesmente, de instalar-se afirmativamente, pois, como contrariedade, negação ao essencial e desejo de empreender, volta-se ao passado para trabalhá-lo, poli-lo, torná-lo tangível, para depois, sucumbir e deixar-se extenuar por ele.

Embora o homem crie simulacros no interior da História, tornando-a bela ou imunda, o que Cioran, de forma profusa, destaca, no tocante a essa perspectiva, em *Breviário de decomposição*, seria que os instantes decorrem sem a necessidade dos conceitos ou conteúdos, eles se apressam independente de um significado, pois seu curso é totalmente diferente do curso da vida humana. Como consequência, resta ao

² Pecoraro, R. *Cioran: a filosofia em chamas*, 2004, p. 140

homem, vítima de uma percepção absurda, contrastar o seu vazio interior com o vazio do tempo que transcorre, e, no final, perceber-se mergulhado em uma vacuidade imprecisa e duradoura. Entretanto, disso resulta o tédio, e ele se incumbe de proporcionar um nivelamento dos mistérios, fruto das amplitudes nulas da comparação; além de ser “(...) o eco em nós do tempo que se dilacera..., a revelação do vazio, o esgotamento desse delírio que sustenta – ou inventa – a vida...”³.

O homem, por ser um indivíduo profundamente empreendedor, cria, para si próprio, propósitos e finalidades, isso o faz, terminantemente, um ser delirante, um ser que crê, e que, por isso, monta e desmonta as coisas, como se fossem quebra-cabeças que lhe servem para dar sentido, ou um valor definido. A realidade mesma é uma criação humana decorrente de suas demências, ou, melhor dizendo, de seus reflexos exagerados e impassíveis. Em *Breviário de decomposição*, escreve Cioran:

o próprio tempo só transcorre porque nossos desejos engendram este universo decorativo que uma gota de lucidez desnudaria. Um grão de clarividência nos reduz à nossa condição primordial: a nudez, uma ponta de ironia nos despe desse disfarce de esperanças que *permite que nos enganemos e imaginemos a ilusão*: todo caminho contrário leva para fora da vida. O tédio é apenas o começo desse itinerário... Ele nos faz sentir o tempo demasiado longo – inapto para revelar-nos um fim⁴.

O mundo acaba sendo decorado pelo homem com suas atitudes pitorescas, nisso consiste uma forma de acordo, entre si e o tempo, entre o desgaste e o vigor. Não fosse a obsessão pelo delírio, nada escaparia das ruínas macabras que se desenhariam pelo mundo através das mãos humanas. As ações, inflamadas em grau sostenido, voltar-se-iam contra si mesmas; daí, tudo passaria a ser autodestrutivo no enredo de uma obstinação pálida e sem remorso. Caso não fosse o delírio aquilo a que o homem se entrega, até a criação não passaria de uma grande e enfadonha tolice, uma insensatez malvada, pois seus desejos, perpetrados pelo crime e pelo tédio, não sentiriam mais atração pelos simulacros que as intenções criaram para reerguer a vida, ou pelas possibilidades do melhor e do mais apropriado.

O tom que Cioran utiliza em *Breviário de decomposição* para apresentar a perspectiva da História destaca o tempo como elemento destroçador, pois o próprio tempo pisa em tudo, principalmente no espírito, com as apunhaladas rigorosas do tédio. Mas, seria possível sobrepujar o tempo, negá-lo, evitá-lo? A existência da *chance*, ou melhor, da possibilidade de fuga como tentativa de preterir o tempo, para Cioran, tem

³ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 27.

⁴ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 27.

respaldo apenas em duas situações precisas. Do tempo, só se escaparia suicidando-se ou através de um êxtase, e esse último seria apenas um intento frustrado, pois ao seu final o homem teria a sensação de tê-lo sobrepujado, mas apenas por algumas horas.

O homem, grande amante do delírio, teria, nessa afecção do êxtase, sua mais complexa tentação à vida, embora esteja condenado “(...) à perdição sempre que a vida não se revela como um milagre, sempre que a vida não geme sob um calafrio sobrenatural”⁵. É protegido pela possibilidade da fuga, do alívio do engano que um simulacro ou um bordão *linguístico-metafísico* pode lhe oferecer. Receptáculo da esperança, espera, aguarda, embora predisposto às caducidades; é um árbitro corrompido, beneficia a explicação superficial, teme seu fim por suas próprias mãos. O que seriam, segundo Cioran, os empreendimentos humanos senão uma tentativa de se encerrar em seus simulacros, nos da História insuflada, em seu carnaval de possibilidades. A civilização seria seu empreendimento mais oneroso, na qual a inadequação desempenha seu papel como elemento da vitalidade; pois:

de tudo que empreendeu para curar-se de si mesmo, desenvolveu uma doença mais estranha: sua “civilização” não é mais do que o esforço para encontrar remédios para um estado incurável – e desejado. O espírito murcha ao se aproximar da saúde: o homem é inválido – ou não é. Quando, depois de ter pensado em tudo, pensa em si mesmo – pois só chega a este ponto pelo desvio do universo e como último problema que se coloca –, fica surpreso e confuso. Mas continua preferindo seu próprio fracasso à natureza que fracassa eternamente na saúde⁶.

Enfim, as maneiras pelas quais os homens projetam suas ideias na História, extrapolam, como observa Cioran em *Breviário de decomposição*, a estrutura básica do passado, presente e futuro, e, portanto, da História em si. A civilização, nesse caso, seria repleta de projeções irregulares que atropelam elementos por puro pretexto e entusiasmo. Assim sendo, o aspecto circular que envolve os pares em desequilíbrio, delírio e tédio, têm um como complemento do outro, ou seja, persegue-se o delírio arrefecendo-se pelo tédio, busca-se a saúde deixando-se corromper pela doença. Por isso, os simulacros da História não são outra coisa senão empreendimentos que visam manter o homem longe de si mesmo, de seu interior, intentando na História e de forma incansável, trabalhando a civilização.

Uma vez compreendida a História como resultado desta estrutura pendular, isto é, como oscilação entre o par *delírio e tédio*, que desenvolve a inadequação do homem

⁵ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 51.

⁶ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 41.

no mundo de forma ainda mais contundente, além do adoecimento ou enfermidade; pode ser dito que, a maneira pela qual Cioran reflete encontra-se, necessariamente, assentada sobre a ideia do *pensador de ocasião*, e, por isso, ela é inaugural, pois diante da perspectiva na qual, “a vida se cria no delírio e se desfaz no tédio”⁷, Cioran é capaz de estender sua crítica à tradição filosófica, uma vez que, com esse modelo de pensamento, já desvelou a vacuidade dos processos históricos, seus simulacros e seus falsos absolutos.

No entanto, frente a uma perspectiva, oriunda de *Nos cumes do desespero* (1934), que destaca a presença do elemento fisiológico como algo que conduz suas observações, Cioran torna evidente o epicentro da História, seja enquanto propensão à irregularidade, ou mesmo à providência. Nesse viés, ao lançar, o que em *Breviário de decomposição* vem a se chamar *o pensador de ocasião*, como contraproposta ao mundo dos valores articulados e descartáveis, Cioran vai além da História da humanidade, ou civilização, ela estica-se, sobretudo, até a própria história da filosofia, à tradição metafísica, e, dessa maneira, se põe frente à História, num sentido integral, para desmascará-la e revolvê-la.

Seria por meio dessa maneira peculiar de se fazer filosofia, lançada em questão por Cioran, que se torna possível observar a História como desenrolar entre o entusiasmo e o ocaso; ao mesmo tempo em que é possível desconstruir, desfazer a filosofia, na medida em que se nega os cansativos sistemas e suas frases de efeito bem elaboradas, que dão a impressão de tudo alcançar e de tudo abranger com imensa precisão. O papel do *pensador de ocasião*, visto que se trata de uma proposta, seria o de aludir a um pensamento que abrange todo o corpo, isto é, de tirar proveito das emoções, das expectativas, das dores, enfim, do organismo em sua plenitude. Para Cioran, a fisiologia está para além das possibilidades sistemáticas, categóricas e lógicas do pensamento, unicamente cerebral dos sistemas.

É nesse sentido que a filosofia elaborada por Cioran trava uma grande batalha contra a tradição, isto é, contra os sistemas metafísicos. Essa luta é resultado de uma percepção clara, feita segundo a proposta do pensador de ocasião, que nota, na metafísica, um distanciamento daquilo que ele tem como fundamental para a elaboração

⁷ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 27.

do pensamento, as verdades vivas⁸. Essas verdades vivas, por outro lado, servem como base para a sua filosofia, pois são verdades produzidas pela sua relação com as doenças, com as enfermidades da História, que acabam por lhe revelar realidades e valores que interiormente lhe constituem.

O *pensador de ocasião* seria um pensador fisiológico, daí que “as disfunções dos órgãos determinam a fecundidade do espírito (...)”⁹. Nisto consiste a honestidade deste pensador, pois enuncia a imprecisão, a incapacidade de capturar a “Ideia”¹⁰, de formulá-la, torná-la clara. As verdades são vivas, pois são verdades da dor da imprecisão de um pensamento não amistoso, de um pensamento que perscrutou todos os caminhos e não encontrou nenhuma categoria razoável. Uma boa descrição desse pensamento como dificuldade, aparece em *Silogismos da amargura* (1952), quando diz: “não encontrei no edifício do pensamento nenhuma categoria sobre a qual descansar a minha cabeça. Em compensação, que travesseiro o caos!”¹¹.

Esta afirmação permite pensar que Cioran, segundo a sua proposta do pensador de ocasião, faz com que esse *eu* profundo de sua filosofia se mantenha em um estado de dificuldade, “(...) em algum lugar entre o diletantismo e a dinamite!”¹², e, assim, sendo seu pensamento extremamente ativo, lhe é revelado uma metafísica sem substância e uma História de enganos aceitáveis. A História, bem como a metafísica, não apenas lhe toca, ela crispa este *pensador de ocasião* terminantemente, e, por isso, no sentido de um pensamento enquanto ação, nada lhe pode ser indiferente, pois nada surra a carne sem lhe deixar marcas aparentes.

Cioran, como pensador de ocasião, assim fala: “abomino toda ideia indiferente”¹³, e, neste sentido, coloca-se como “antifilósofo”¹⁴. Na verdade, o que está posto nessa questão_ seria a distinção entre a metafísica e uma filosofia orgânica; isto é, para o pensador de ocasião, o indiferente não existe, uma vez que tudo lhe interpela, tudo é uma ocasião para o pensamento, uma possibilidade fora do sistema, desregrada pela dor, porém, com a validade interior e vital. O pensador de ocasião se autocontesta,

⁸ Cioran, E. *Nos cumes do desespero*, p. 34.

⁹ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 128.

¹⁰ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 127.

¹¹ Cioran, E. *Silogismos da amargura*, p. 25.

¹² Cioran, E. *Silogismos da amargura*, p. 31.

¹³ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 127.

¹⁴ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 127.

destrói “todos os critérios”¹⁵, sente seu corpo, pois se não o sente, “(...) jamais será capaz de conceber um pensamento vivo: esperará inutilmente a surpresa vantajosa de algum inconveniente.”¹⁶

Assim, Cioran contesta a metafísica, filosofia blindada, na qual os ruídos, ou as vituperações da existência não perturbam e em que “a questão do silogismo é mais importante do que a do sofrimento”¹⁷. O verdadeiro e o falso, nesse caso, encontram-se no plano das superstições, como possibilidades intocáveis, e nisso está presente a indiferença metafísica, sua impossibilidade substancial em anunciar uma verdade ou uma falsidade. Para Cioran, a filosofia metafísica é extremamente precisa e, por isso, necessariamente não sincera, pois, “a desonestidade de um pensador se reconhece pela quantidade de ideias *precisas* que enuncia”¹⁸.

Enquanto pensador de ocasião, Cioran se coloca como seu próprio inimigo na arte de pensar, pois seu “ritmo orgânico”¹⁹ seria aquilo que o condiciona a refletir, ou melhor, esse mesmo ritmo seria responsável pela sua exasperação, assim como pela sua diminuição. A esterilidade, que lhe invade em certos momentos, seria a constatação de que ele espreita as ideias, não como se os conceitos desfilassem, mas como dificuldade de agarrá-las e comprometê-las em um sistema, ou fórmula. Ser estéril, ou ser produtivo e fecundo, depende unicamente do ritmo orgânico e da cautela para obedecê-lo e aproveitá-lo. No dizer do filósofo:

diante do homem abstrato, que pensa pelo prazer de pensar, surge o homem orgânico, que pensa sob determinação de um desequilíbrio vital que está além da ciência e além da arte. Gosto do pensamento que mantém o aroma de sangue e de carne e prefiro mil vezes, à abstração vazia, a reflexão gerada por uma efervescência sexual ou por uma depressão nervosa²⁰.

A crítica que Cioran traça, por meio desse modelo, não defronta apenas a metafísica, mas também a História, como processo que remenda, que contribui para a manutenção dos enganos, e cujas caretas não passam de tentativas de ludibriar a verdadeira realidade das coisas, ou seja, realidades imperfeitas, nas quais o desejo infinito das ficções compreendem a necessidade dos homens em afastarem-se da dor do ocaso, ou tédio.

¹⁵ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 128.

¹⁶ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 128.

¹⁷ Cioran, E. *Nos cumes do desespero*, p. 34.

¹⁸ Cioran, E. *Silogismos da amargura*, p. 28.

¹⁹ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 128.

²⁰ Cioran, E. *Nos cumes do desespero*, p. 34.

A negação ao sistema e à História, desencadeada no modelo filosófico cioriano, tem, em contrapartida, uma exaltação, ou referência ao processo das antinomias interiores como fecundidade espiritual, as variações de ânimo, as contradições como elementos fundamentais, cuja natureza propicia uma elevação das propriedades que conduzem ao exame das produtividades fisiológicas. Para Cioran, as antinomias são intrínsecas à vida, ou existência, e só podem ser desprezadas por uma “concepção espetacular da vida”²¹, o que impediria a filosofia de ter raízes profundas e orgânicas.

Em *Nos cumes do desespero*, Cioran faz um questionamento crucial, e por assim ser, largamente impactante, pois se pergunta: “como continuarmos fazendo filosofia sistemática e como ainda sermos capazes de uma arquitetura bem definida?”²².

E complementa:

como é que podemos continuar fazendo filosofia abstrata, quando nos deparamos dentro de nós com um drama complicado, em que se misturam o pressentimento erótico a uma torturante inquietude metafísica, o medo da morte a aspirações de ingenuidade, a renúncia total a um heroísmo paradoxal, o desespero ao orgulho, o pressentimento da loucura ao desejo de anonimato, o grito ao silêncio, o elã ao Nada?²³

O pensador franco-romeno, emancipado da possibilidade da Verdade, do fim, ou do objetivo, seja da História, metafísica ou civilização, só age mediante seu ritmo interior e só a ele mantém um pejo elegante que o faz transfigurar, não como nos encantos excelsos da religião ou da imortalidade pela transcendência metafísica²⁴, mas numa realidade íntima que diretamente açoita seu organismo. Como ele próprio diz:

respeito apenas as verdades vitais, orgânicas e espermáticas, pois sei que não existe *verdade*, mas apenas verdades vivas, fruto de nossa inquietude. Não há argumentos decisivos contra quem pensa com vivacidade. E mesmo que houvesse, eles só poderiam ser derrubados por desgaste. Só posso lamentar que ainda exista gente que esteja em busca da *verdade*. Ou será que os sábios até hoje não entenderam que a verdade *não tem como existir*?²⁵

Diante deste questionamento inextinguível, o que Cioran expõe seria a predominância de um orgulho massivo por parte dos filósofos tradicionais. Este mesmo orgulho os faz indiferentes o suficiente para relegar essa problemática das verdades interiores suscitada pela observação fisiológica, pois são em demasia categóricos

²¹ Cioran, E. *Nos cumes do desespero*, p. 46.

²² Cioran, E. *Nos cumes do desespero*, p. 73.

²³ Cioran, E. *Nos cumes do desespero*, p. 73.

²⁴ Cioran, E. *Nos cumes do desespero*, p. 35.

²⁵ Cioran, E. *Nos cumes do desespero*, p. 105.

exigentes e, por isso, não apostam na fecundidade espiritual da doença ou das verdades orgânicas²⁶ e, como consequência, “(...) cabe lembrar que a filosofia é a arte de mascarar sensações e suplícios íntimos a fim de enganar o mundo sobre as verdadeiras raízes do filosofar”²⁷.

A filosofia orgânica, por ventura transgressora, de Cioran, no intuito de esfriar as fervorosas ilusões tentadoras da metafísica, ou ainda, de desmascarar os simulacros da História, tem no elemento da frivolidade aquilo que há de mais interessante no tocante à cautela de suas observações, na qual chega a ultrapassar o sentido do conformismo frente à dor profunda dos momentos agônicos. Ultrapassar esse conformismo, na verdade, seria aquilo que está intrínseco na proposta de Cioran, no discurso do pensador de ocasião, como “desprezo sutil” e como “ironia espontânea”²⁸, que se estende aos lugares em que a seriedade comum é incapaz de abarcar.

Entretanto, a proposta mais clara, ou consistente, embora pareça vulgar, – se é que existe, no fundo, uma proposta – feita por Cioran por intermédio do pensador de ocasião – se encontra no elemento da frivolidade, o qual pode até conter um grau de vilania, mas que, no entanto, é o grande responsável pela observação da vida com uma dose de ironia privilegiada e que só é alcançada por aqueles que são descrentes, que não têm fé na finalidade, ou não tem vocação para a Verdade nem para o mundo “(...) com todas as suas leis eternas!”²⁹

Em virtude da presença do elemento da frivolidade, Cioran elenca o desprezo sutil como algo permanente na base da proposta do pensador de ocasião, já que esta aparece como forma peculiar de se manter veemente contra a metafísica. O que se apresenta, na verdade, seria a crítica à falta de *órgãos* da metafísica e a sua exasperação elevada, que está para além da sinceridade e à prova de dores. Nisto consiste o desprezo sutil do pensador de ocasião, pois, para ele, a filosofia não pode ser encarada “como recurso de fuga, no qual todos se esquivam a exuberância corruptora da vida”³⁰. O filósofo, de fato, é orgulhoso e, assim, despreza as nuances da carne. Além disso, sua seriedade não depende do ritmo orgânico, mas de seu compromisso com as definições.

²⁶ Cioran, E. *Nos cumes do desespero*, p. 42.

²⁷ Cioran, E. *Nos cumes do desespero*, p. 42.

²⁸ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 19.

²⁹ Cioran, E. *Nos cumes do desespero*, p. 43.

³⁰ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 69.

Como fundamento da frivolidade, Cioran se baseia na diferenciação entre as espécies de seriedade, que são de duas ordens: a primeira refere-se a um tipo de seriedade exigida apenas em momentos importantes, como nos negócios, o que revela uma gravidade vazia, pois tudo depende de uma consideração, isto é, considera-se uma pessoa séria, embora ela não seja em outras oportunidades, bem como se considera esse ou aquele momento como sério. E, como segunda ordem, a “seriedade infinita”³¹, produto de tensões interiores, cujo caráter tem uma intermitência prolongada, pois não pode ser exigida por força das considerações, ou dos momentos; ela resulta, naturalmente, das incertezas da inteligência coadunadas à estrutura orgânica do ser.

A distinção entre essas duas formas de seriedade, feita por Cioran, serve para compreender como o peso da História, seus simulacros e, ainda, a agonia e vilania das observações profundas desse pensador, dão o tom a um modelo filosófico que se apoia na frivolidade, pois, como caminha na contramão da filosofia tradicional e da História tomada pelos simulacros, sugere que o exercício filosófico, metafísico e sistemático, não seria fecundo, mas sim, “apenas respeitável”³². Por isso, nesse momento, para que seja tornado mais claro sua posição antimetafísica, ou antissistemática, Cioran coloca a História, enquanto processo civilizatório, um pouco de lado, e se atenta, mais especificamente, à tradição metafísica, fechando assim, o segundo momento de sua crítica, que se inicia com a História das arbitrariedades humanas e se desdobra até a tradição filosófica.

A ausência de desfalecimentos, bem como da dor de um tropicão, marcam a metafísica, e nisso ela é indiferente, pois não vê nessas categorias possibilidades relevantes de trabalhar com elas, ao contrário do pensador de ocasião, como coloca Cioran, que enxerga vantagens na debilidade, na doença e, dessa forma, se distancia da metafísica. Como ele mesmo postula:

afastei-me da filosofia no momento em que se tornou impossível para mim descobrir em Kant alguma fraqueza humana, algum acento de verdadeira tristeza; em Kant e em todos os filósofos. Comparada à música, à mística e à poesia, a atividade filosófica provém de uma seiva diminuída e de uma profundidade suspeita que guardam prestígios somente para os tímidos e os tíbios³³.

³¹ Cioran, E. *Nos cumes do desespero*, p. 33.

³² Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 69.

³³ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 68-69.

Para Cioran, pelo que se observa de suas postulações negativas sobre a filosofia sistemática, parece que a existência para os filósofos da tradição, enquanto vituperação das verdades vivas, seria relativamente banal, pois eles tentam evitá-la, renegando seus inconvenientes por definições, enquadramentos ou sistemas. Conforme afirma o pensador franco-romeno, “o filósofo é inimigo do desastre, é sensato com a razão e tão prudente quanto ela”³⁴.

A frivolidade começa a ganhar forma justamente nesse momento, quando o filósofo abandona a todos, despindo-se de sua seriedade momentânea. Como argumenta Cioran, os sistemas não apontam as ruínas do ser, mas, por outro lado, o único adeus que se prefigura seria o adeus à filosofia. Assim:

os verdadeiros problemas só começam após havê-la percorrido ou esgotado, após o último capítulo de um imenso tomo, que põe o ponto final em sinal de abdicação ante o Desconhecido, onde se enraízam todos os nossos instantes, e com o qual precisamos lutar, porque é naturalmente mais imediato, mais importante que o pão cotidiano³⁵.

Só existe vida no fim da filosofia, ao fechar de um tratado, quando se é capaz de perceber a sua fragilidade e sua inutilidade, pois ela seria incapaz de qualquer auxílio, e em que o delírio e tédio só poderiam ser precisados em uma fórmula. Nesse caso, tudo se reduz à fórmula, a uma centena delas, “nem que seja para dar uma justificação ao espírito e uma fachada ao nada”³⁶. E, nesse sentido:

os grandes sistemas, no fundo, são apenas brilhantes tautologias. Que vantagem há em saber que a natureza do ser consiste na “vontade de viver”, na “ideia”, ou na fantasia de Deus ou da Química. Simples proliferação de palavras, sutis deslocamentos de sentidos³⁷.

Nesse seguimento, pode-se encontrar a frivolidade, isto é, quando Cioran, seguindo a ótica do pensador de ocasião, constata essa fragilidade como espécie de “universo pleonástico”³⁸, no qual interrogações e respostas se confundem, criando um ar de sequência, porém, uma sequência contagiada, que busca tornar metafísicos os vocábulos desprovidos dessa qualidade. Segundo Cioran, nisso consiste a “originalidade dos filósofos”³⁹, na arte de inventar terminologias, regras e parâmetros.

Cioran, ao lançar a perspectiva do pensador de ocasião, apresenta-o tomado pela frivolidade, não em uma maneira geral do termo, no sentido grave da futilidade,

³⁴ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 70.

³⁵ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 69-70.

³⁶ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 70.

³⁷ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 70.

³⁸ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 71.

³⁹ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 71.

mas, no tocante à aversão às certezas, ou simplesmente, à sua busca. Essa aversão se deve ao dilema interior e de forma alguma pode ser interpretada como uma espécie de indiferença, pois é justamente o contrário, é a indiferença o ponto de partida do nojo crucial do pensador. Atingir essa frivolidade seria, também, atingir uma qualidade especial, no que diz respeito à constatação da nulidade por trás dos processos, seja da História, da civilização, ou da própria filosofia. A frivolidade, como bem coloca Cioran, não seria um elemento etéreo, que se busca pela concentração, como forma de vencer uma barreira, e, sim, seria o resultado dos movimentos espicaçantes interiores. Por isso, ele destaca:

não se alcança logo de saída a frivolidade. É um privilégio e uma arte; é a busca do superficial por aqueles que, tendo descoberto a impossibilidade de toda certeza, adquiriram nojo dela; é a fuga para longe desses abismos naturalmente sem fundo que não pode levar a parte alguma⁴⁰.

Assim, o que aparece posto por Cioran, em decorrência da frivolidade, seria a capacidade que o pensador de ocasião tem, ciente da dor e das profundidades, de aceitar a vida “por cortesia”⁴¹, como conformista pleno, pois de que lhe adiantaria um desgosto infinito, já que “a revolta perpétua é de tão mau gosto como o sublime do suicídio”⁴². No entanto, diz ele:

não se pode eludir a existência com explicações, só se pode suportá-la, amá-la ou odiá-la, adorá-la ou temê-la, nessa alternância de felicidade e de horror que exprime o ritmo mesmo do ser, suas oscilações, suas dissonâncias, suas veemências amargas ou alegres⁴³.

Ultrapassando a metafísica e suas explicações precisas, Cioran, como pensador de ocasião, por meio de sua ironia espontânea e latente, propõe, com essa perspectiva, um modelo filosófico emancipado dessa História velada; no seu dizer explica: “conformista, vivo, tento viver por imitação, por respeito às regras do jogo, por horror à originalidade”⁴⁴. Com isso, ele desvela qualquer possibilidade de “dignidade perfeita”⁴⁵ que os títulos civilizatórios, e a própria metafísica, podem oferecer ou iludir, e destaca

⁴⁰ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 20.

⁴¹ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 139.

⁴² Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 139.

⁴³ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 69.

⁴⁴ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 139.

⁴⁵ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 139.

que todos os homens são “impostores”⁴⁶ e, só por esse motivo, toleram as crispações da existência. Como ele próprio precisa: “estamos *biologicamente* obrigados ao falso”⁴⁷.

Ademais, diz Cioran: “guardemos no mais profundo de nós mesmos uma certeza superior a todas as outras: a vida não tem sentido, *não pode tê-lo*”⁴⁸. Seria a dissimulação que salvaguarda a vida, consolando-a de um inóspito profundo, pois, ainda existe, lá nos confins, uma “alegria da inanidade”⁴⁹, que garante a persistência da necessidade de primar, alimentando a História e a imaginação. A ânsia de poder que os homens têm pela transformação “permite à História renovar-se e permanecer contudo fundamentalmente igual”⁵⁰.

Portanto, se podem ser consideradas como proposta ou não, as articulações colocadas por Cioran, no que dizem respeito ao pensador de ocasião frente à História e à própria filosofia, o que importa é que seu modelo vai além das conjecturas formais da tradição, ateando fogo à filosofia mediante critérios negativos e fisiológicos. Por meio de uma frivolidade singular, mantém-se inserido nos conflitos com um pensamento extremamente ativo, o que lhe concerne uma capacidade de observação plural e jamais pragmática.

The advantages of weakness and the thinker of occasion in Emil Cioran

Abstract:

This paper aims to investigate, from *Breviary of decomposition*, the proposal launched by Cioran, highlighting "The Thinker of occasion" as the foundation that reveals the inside of his philosophy, which in turn is based on the paroxysms of organic forms as vital for knowledge. Accordingly, we will seek a lecture that enables the assimilation, plus a History unveiled, of a way of thinking that extends to the metaphysical tradition, listing a clash between thought and physiological systematic model, or rather a thought of meat and nerves and a rigorous methodology.

Key-Words: Breviary of decomposition; Thinker of occasion; Metaphysics; Physiological Thought; History.

⁴⁶ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 140.

⁴⁷ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 140.

⁴⁸ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 140.

⁴⁹ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 140.

⁵⁰ Cioran, E. *Breviário de decomposição*, p. 142.

Referências bibliográficas:

Cioran, Emil. *História e utopia*. Tradução José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011a.

_____. *Breviário de decomposição*. Tradução José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011b.

_____. *Silogismos da amargura*. Tradução José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011c.

_____. *Exercícios de admiração*. Tradução José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011d.

_____. *Entrevistas*. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2001.

_____. *Nos cumes do desespero*. Tradução Fernando Klabin. São Paulo: Hedra, 2011.

_____. *Contra la historia*. 2ª. ed. Tradução Esther Seligson, Barcelona: Gallimard, 1983.

Menezes, Rodrigo Inácio Ribeiro Sá. *O animal enfermo: Pessimismo antropológico e a possibilidade gnóstica na obra de Emil Cioran*. (Dissertação de mestrado – Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) 2007.

Pecoraro, Rossano. *Cioran, a filosofia em chamas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.